

Professor Eduardo Lourenço

Senhor Ministro da Cultura

Senhor Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian e demais membros do Conselho de Administração

Guilherme d'Oliveira Martins, Presidente do Centro Nacional de Cultura e ilustre Presidente do Tribunal de Contas

*

Este Colóquio Internacional em torno da obra de Eduardo Lourenço é um acto de tributo, homenagem e justiça aquele que, com 85 anos, dedicou 65 anos da sua vida à cultura portuguesa.

Não celebramos aqui a sua carreira académica formal, os seus graus universitários ou a sua docência. Não celebramos aqui a colecção dos seus prémios, distinções ou condecorações. Não celebramos aqui a vitalidade do seu quotidiano na vida portuguesa e internacional, aliás bem atestada ainda hoje. Mais do que os textos que nos lega e que nos legará, celebramos aqui a sua obra, a interacção dos seus livros com aquilo que, de uma forma ou de outra, ao longo de etapas diferentes da vida, todos nós reflectimos, absorvemos, também criticamos, e de que seguramente muito auferimos e beneficiamos.

Eduardo Lourenço é alguém que, nas últimas décadas, nos tem feito pensar. Ele vem na linha de muitos portugueses: de Sérgio, Casais Monteiro, Sena, Agostinho da Silva, Manuel Antunes, José Gil. Ele vem numa linha também internacional. Vem na linha de um Ortega y Gasset, de um Julian Marias, de um Eco, de um Steiner, de um Italo Calvino ou de um Harold Bloom, para irmos também ao campo da crítica literária, embora ele não seja um crítico literário, nem seja um geógrafo, nem seja um historiador, e a raiz filosófica do seu pensamento também o não caracterize como um pensador sistemático ou um pensador metafísico. A si próprio se definiu desde cedo como cultivando a heterodoxia. A heterodoxia que, segundo ele próprio, não era senão a liberdade de suportar a liberdade humana, a obrigação de se confrontar com o espírito livre do pensamento. Entre a ortodoxia e o nihilismo, Eduardo Lourenço escolheu este caminho exigente e difícil da heterodoxia. A sua matriz é, portanto, genuinamente, filosófica. Os clássicos, o idealismo alemão, a fenomenologia, as filosofias da existência. É aí que ele radica o núcleo central da sua concepção do mundo e é a partir daí que ele trabalha e invade a literatura e a poesia. Também a história e os lugares; e também a política, de que é um frequentador assíduo, embora

com a distância de quem a pensa e não a pratica. Mas a pensa de um ponto de vista permanente e permanentemente empenhado, como atesta a frequência dos seus escritos, a sua intervenção jornalística, a sua dedicação à entrevista como comentário de actualidade e o cuidado posto no acompanhamento constante da evolução das coisas, seja em Portugal, seja na Europa, seja no Mundo.

Heterodoxia – o primeiro dos pontos cruciais do pensamento de Eduardo Lourenço. E ao mesmo tempo, fractura e identidade, a busca da identidade numa cisão originária. O mundo da cultura portuguesa arrasta, há quatro séculos, uma existência crepuscular. Este é o ponto de partida da fractura para a busca de uma identidade integradora. Eduardo Lourenço foi e é um crítico da ditadura que, optando pela democracia, não é um apologista incondicional de qualquer espécie de formalismo democrático. É um crítico correcto do totalitarismo comunista que, todavia, se não reconhece automaticamente como um adepto acrítico do liberalismo. É alguém que critica o catolicismo tradicional, mas igualmente se não revê, por completo, num niilismo ou num ateísmo radical. É exigente com o patriotismo, o nacionalismo, sem por isso se diluir no internacionalismo ou no universalismo. É extremamente severo no julgamento de Portugal e dos portugueses, sem todavia se transformar num incondicional europeu. E é um europeu por convicção, um grande europeu, atento todavia à necessidade de uma Europa articulada e interactiva com o mundo. Ou seja, Eduardo Lourenço é aquele pensador que merece ser lido e reflectido na obra que produz e nos deixa, mas igualmente um autor para ser de novo pensado no prefácio que adiciona à reedição da sua própria obra e que é esse próprio prefácio uma reescrita reintegradora das análises do texto inicial. Ou seja, ele é ainda e sempre lourenciano na exigência crítica que põe em relação à reflexão em torno dos seus próprios textos.

Vivendo em França, não é um afrancesado. Isso é uma das características centrais da sua conduta existencial. E vivendo afastado de Portugal, isso não o transforma necessariamente num característico provinciano ou num *casticista*, para usarmos uma expressão espanhola. Com um incurso forte no pensamento alemão e na filosofia alemã, ele é porventura quem melhor conseguiu a harmonia de um diálogo cultural entre Portugal e a França, dando à dimensão desse diálogo e desse pensamento uma vertente europeia extraordinariamente sólida. Não é Eduardo Lourenço um afro-luso-brasileiro. Não. A sua presença um ano na Baía não o conduziu por esse caminho. Nem é um luso-hispanista igualmente. E, ainda assim, é alguém que sempre resistiu a

ser reeducado como anglo-saxónico. Com ele a França compensa Portugal e, no seu pensamento, Portugal compensa a França. É essa a originalidade da sua filosofia de enquadramento do fenómeno cultural e de todos aqueles actos políticos, momentos históricos, criação poética que tão ilustradamente caracterizam a sua obra.

Não sendo um pensador sistemático, isso torna difícil a interpretação, por resumo ou redução, dos seus trabalhos. Sendo um pensador crítico, esteve sempre na origem da elevação da cultura portuguesa a uma cultura originariamente de matriz europeia. Eduardo Lourenço antecipa a nossa integração europeia no plano das ideias porque, com Eduardo Lourenço, a cada momento da sua reflexão, concitado Antero para esse diálogo, Pessoa, o neo-realismo, Torga ou outros, com Eduardo Lourenço, a cada crítica e a cada reflexão se sucede, de imediato, a interconexão da toda a cultura europeia. Ele problematiza a cultura portuguesa activando as ligações e as conexões com a totalidade do pensamento europeu.

Como heterodoxo, depara-se, do ponto de vista filosófico, com o mito de uma unidade perdida, os clássicos, o cristianismo inicial, a reforma protestante, as filosofias da existência. Mas nem por isso o seu pensamento deixa de ser perpassado pela de busca de uma unidade, ideia ou razão. E igualmente, centrado na problemática da identidade, tão estimulada com a passagem no nosso país da ordem da autoridade à ordem da liberdade, da razão do Império à razão da Europa, ele não deixa por isso mesmo de buscar uma universalidade. Integra a cultura portuguesa, de forma exigente, na cultura europeia e harmoniza e reconfere à cultura europeia o contributo da cultura portuguesa.

O seu diário filosófico, o seu diário de pensador, conjunto do livro que permanentemente reescreve, é uma auto-afirmação e acaba por ser um reencontro.

Espero que este colóquio, ao homenagear Eduardo Lourenço, lhe seja fiel naquilo que mais o caracteriza: continuar a pensar, ler e reflectir, reflectir e escrever. Bom trabalho para todos os participantes e longa vida ao Eduardo Lourenço.

*(texto recolhido da intervenção oral)